

o ronco do surdo é a batalha

a repercussão da mangueira

“Meu nego, deixa eu te contar/ a história que a história não conta/ o avesso do mesmo lugar/ na luta é que a gente se encontra”, cantou a Estação Primeira de Mangueira, campeã do carnaval do Rio de Janeiro em 2019. Sob efeito do enredo “Histórias para ninar gente grande”, depois do título, não faltaram reportagens, nas mais variadas mídias, sobre as pouco conhecidas existências das mulheres e homens cantados pela escola na Marquês de Sapucaí. Pouco se comentou acerca da própria história de lutas da qual irrompeu a Mangueira, em 1929, na zona norte carioca.

Inventado há exatos 90 anos, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira foi o desdobramento de inúmeras outras experiências. Até a reunião de compositores como Cartola e Carlos Cachça, no final da década de 1920, o batuque no Morro do Pedregulho, depois Morro do Telegrafo e, enfim, Mangueira, acontecia primeiro nos terreiros de candomblé, assim como a capoeira e o samba perseguidos pela polícia até meados da década de 1930. Era comum os jornais cariocas da primeira década do século XX, como o *Correio da Manhã*, estamparem denúncias como “na rua Francisco Ziss, lugar denominado Terra

Nova, há um samba onde continuamente se dão distúrbios e arruaças", ou "o samba termina quase sempre à meia-noite ou a uma hora da madrugada, é costume ouvir-se nesta ocasião tiro de revólver".

Para além dos terreiros e espaços como a casa da Tia Ciata situado na "Pequena África", região do centro do Rio de Janeiro que abrigava sambistas como Donga, Sinhô, João da Baiana, no início do século XX, o batuque se amplificou no carnaval pelos chamados "cordões", grupos que se reuniam para festejar a folia. João do Rio, em breve conto publicado em 1906, descreveu que era provável que pela cidade "dançassem vinte cordões e quarenta grupos, rufassem duzentos tambores, zabumbassem cem bombos, gritassem cinquenta mil pessoas. A rua convulsionava como se fosse fender, rebentar de luxúria e de barulho". A partir dos "cordões" descritos pelo cronista, na primeira década do século passado, surgem os "ranchos", marcados por novidades como alegorias, fantasias, enredos e os "blocos" que formarão as primeiras escolas de samba.

A Mangueira surgiu em 1929 e teve como procedência precisamente um bloco denominado "arengueiros", reunião, como o nome já explicita, de sambistas dispostos não somente a brincar. Em depoimento à antropóloga Maria Júlia Goldwasser, Cartola, integrante do bloco, recordou: "nós éramos desorganizados, saíamos

de qualquer maneira (...) Saía para brigar, machucar, ser machucado, preso. Tanto que esse pessoal que tinha aí, esses outros blocos, não aceitava a gente não: 'São maus elementos''. Depois de cinco anos de carnaval, Cartola, então com vinte e um anos, propôs à turma da arenga a associação com outros blocos do morro visando um desfile na Praça Onze. O encontro, realizado na casa de Seu Euclides no "Buraco Quente", deu certo. Pouco tempo depois, em 1932, a Estação Primeira realizou sua primeira apresentação. Todavia, na década de 1930, sob a campanha nacionalista do governo de Getúlio Vargas para pacificar e capturar a malandragem e a vadiagem do samba, a Mangueira e as demais escolas ainda sofriam com a repressão de inúmeros delegados de polícia como Dulcídio Gonçalves que, em 1937, primeiro ano do Estado Novo, proibiu o desfile de carnaval.

Após ser identificada, no final dos anos 1940, como subversiva e simpatizante do comunismo, nas décadas de 1960 e 1970, durante a ditadura civil-militar, a Estação Primeira também foi alvo sistemático de grupos de extermínio ligados à polícia e ao governo carioca. Em 1965, Hélio Oiticica, passista da escola, levou os passistas Mosquito, Miro, Tineca, Rose, para apresentarem seus "Parangolés" na exposição "Opinião 65", realizada no Museu de Arte Moderna (MAM-RJ). Foram impedidos de entrar, mas dançando do lado de fora, expuseram

o racismo da instituição. Três anos depois, o artista, neto do anarquista José Oiticica, escancarou com "HOMENAGEM A CARA DE CAVALO", a execução de um jovem ligado à Mangueira, amigo seu, pelo esquadrão da morte Scuderie Le Cocq. "Posso dizer que [Cara de Cavalo era] meu amigo, mas para a sociedade ele era o inimigo público número 1 (...) Esta homenagem é uma atitude anárquica contra todos os tipos de forças armadas: polícia, exército, etc. (...) Cara de Cavalo reflete um importante momento ético, decisivo para mim, pois que reflete uma revolta individual (...) Em outras palavras: violência justificada como sentido de revolta nunca como o de opressão". Depois de voltar ao Brasil em 1978, após uma temporada de quase uma década em Nova York, Oiticica declarou: "há um programa de genocídio, porque a maioria das pessoas que eu conhecia na Mangueira ou estão presas ou foram assassinadas". Somado ao genocídio apontado pelo artista, no primeiro ano da década de 1980, a Estação Primeira perde um de seus inventores, Angenor de Oliveira, o sambista Cartola.

A partir da metade dos anos 1980, ocaso da ditadura civil-militar, com a ampliação do carnaval como festa institucional carioca, o então governador Leonel Brizola inaugura a "Passarela Professor Darcy Ribeiro", popularmente chamada de Sambódromo da Marques de Sapucaí. A Estação Primeira, a partir daí,

tornou-se alvo, como outras agremiações, de investimentos de empresas de turismo e municípios interessados em se promover por meio dos patrocínios de enredos para os desfiles.

Nas décadas seguintes, 1990 e 2000, a Mangueira seguiu adiante com suas transformações e foi a primeira escola a incluir mulheres na bateria. Em meio às comemorações de 70 anos, em 2008 foi também acusada de ligação com práticas ilegais identificadas como tráfico de drogas. Ainda em 2008, momento marcado pela morte de Jamelão e expondo o distanciamento cada vez maior dos começos no "Buraco Quente", em vez de celebrar a existência de Cartola, a diretoria da Estação optou pelo enredo patrocinado pela prefeitura do Recife para homenagear o frevo. Depois de quatorze anos sem título, somente em 2016, depois de sucessivas disputas políticas, cantando a vida de Maria Bethânia, estreou o carnavalesco Leandro Vieira e a escola voltou a ganhar o campeonato do carnaval no Rio.

Como as outras agremiações que desfilam na Sapucaí, a Mangueira, de um bloco de arengas tornou-se uma escola organizada. Contudo, de tempos em tempos também é retomada por forças e movimentos surpreendentes. Foi o que ocorreu agora, em fevereiro de 2019, quando praticamente sem presidente (preso sob acusação de corrupção), quase um ano depois da execução de Marielle Franco e da intervenção constitucional militarizada no Rio de Janeiro,

sob os cortes orçamentários da prefeitura do bispo pentecostal da Igreja Universal do Reino de Deus, Marcelo Crivella, para a realização do desfile na Sapucaí, a Estação desfilou sua "História para ninar gente grande". Sem homenagear personagens históricos oficiais e episódios conhecidos, a Mangueira foi à resistência no Brasil, território que certos anarquistas chamaram atenção para a história de "500 anos de mortes, massacres, etnocídios e genocídios", que se tornou o enredo na avenida.

Apesar de determinada euforia interessada no desfile, uma estratégia para fortalecer a oposição ao atual governo federal, grande parte da esquerda acostuada a homenagens a Chico Buarque, Darcy Ribeiro, Maria Bethânia, foi surpreendida com a evocação, no samba-enredo, de existências como as de Chico da Matilde, Luiza Mahin, Aqualtune, os caboclos de julho. E foi dessa maneira, valorizando estas vidas e outras como Cunhambebe, os Cariris, Dandara, Marielle, "quem foi de aço nos anos de chumbo", que a Escola empolgou a Sapucaí, dando forma a um desfile que simultaneamente se apresentou também como contundente protesto.

Diante da força da Mangueira não faltaram análises acadêmicas sobre a perspectiva de história afirmada pela escola ou de intelectuais reproduzidas em jornais, blogs, sites. Entretanto, como era de se esperar,

poucos foram os que valorizaram o coração, a bateria da escola, essa que foi construída, pouco a pouco, por milhares de anônimos, "heróis de barracões", entre terreiros, cordões, ranchos, blocos, lutas contra as autoridades e hoje é conhecida como Surdo Um pelo acento singular na primeira nota do ritmo. Um filósofo estrangeiro atento às lutas por liberdade e que apreciava com prazer a noite do centro do Rio, nos anos 1970, escreveu certa vez: "temos que ouvir o ronco surdo das batalhas". A Mangureira em 2019, ecoa tal afirmação e escancara que onde soar seu surdo outras histórias serão ouvidas.

nas quebradas

"Eu conto as histórias das quebradas do mundaréu. Lá de onde o vento encosta o lixo e as pragas botam os ovos. Falo da gente que sempre pega o pior, que come da banda podre, que mora na beira do rio e quase se afoga toda vez que chove, que só berra da geral sem nunca influir no resultado (...) E é nesse embalo que eu vou. Vou contar do samba da Paulicéia e de sua gente, que é do tamanho do mundo, porque não se acanha em contar as histórias do seu pedaço de terra firme (...) vamos de samba". É assim que Plínio Marcos abre o *Nas quebradas do mundaréu*, disco sobre o samba de São Paulo,

gravado com Geraldo Filme, Zeca da Casa Verde e Toniquinho Batuqueiro.

Lançado em 1974, o álbum apresenta inúmeras histórias do samba na cidade. *Nas quebradas* sublinha a procedência rural do batuque paulistano no início do século XX, com as festas de colheita de café, a "tiririca", espécie de brincadeira similar à capoeira e que levava muitos sambistas à prisão até a irrupção dos primeiros cordões e escolas de samba como a Lavapés. Similar ao que ocorreu no Rio de Janeiro, a violência sistemática do Estado sobre comunidades negras ligadas ao samba, o disco narra também as execuções de sambistas como Pato N'água, diretor de bateria da Vai-Vai, assassinado, em 1969, como Cara de Cavalo, pelo Esquadrão da Morte. Com o registro de Plínio Marcos - inventor, em 1972, da Banda Redonda, tradicional bloco de carnaval e de enfrentamento a ditadura civil-militar -, apreendemos, sobretudo, a história do carnaval como resistência em São Paulo.

Mais de quatro décadas depois do lançamento de *Nas quebradas do mundaréu*, em 2019, às vésperas do carnaval, autoridades paulistanas se vangloriavam de organizar, segundo eles, "o maior carnaval do Brasil", composto por mais de quinhentos blocos cadastrados oficialmente, com cerca de 12 milhões de pessoas pelas ruas e estimativa de lucro de 2 bilhões de reais. Entretanto, acabada a festa, o embate entre o

samba e tais autoridades surgiu novamente por meio de inúmeras críticas à reação policial ao carnaval na cidade. Como nos outros anos, depoimentos relataram além de prisões e intimidações, apreensão de instrumentos musicais, uso de balas de borracha, jatos de água e uma série das chamadas "armas não-letais" visando dispersar os blocos. Frente a isso fica, então, a pergunta: se as mesmas autoridades que celebram o recorde e os lucros oriundos do carnaval violentam os foliões por que se cadastrar oficialmente para botar o bloco na rua, com aval da prefeitura arrivista?

Diante dos recordes, da violência e ligados às histórias narradas pela Mangueira e por Plínio Marcos, o melhor é aproveitar o carnaval sabendo que nele suas procedências são batalhas prazerosas, sobretudo, contra o Estado e suas autoridades.

[Publicado como hypomnemata 210. Boletim eletrônico mensal do Nu-Sol, março de 2019.]